

**SÉRIE ANTROPOLOGIA**

**293**

**O MODO DE PRODUÇÃO DOMÉSTICO EM  
DUAS PERSPECTIVAS:  
CHAYANOV E SAHLINS**

**Klaas Woortmann**

**Brasília  
2001**

## O Modo de Produção Doméstico em Duas Perspectivas: Chayanov e Sahlins

Klaas Woortmann

O caráter familiar da produção tem sido visto como a pedra de toque para a compreensão do campesinato, seja na antropologia, na sociologia ou na economia. Por outro lado, o parentesco, sabidamente, é um tema fundante da antropologia, notadamente em seus estudos de sociedades chamadas primitivas. Meu objetivo aqui é o de comparar dois autores que elaboram seus modelos teóricos tomando como ponto de partida o "modo de produção doméstico", o que supõe, é claro, a família, vista desde a ótica do grupo doméstico. O primeiro desses autores, o economista Chayanov, é o criador desse conceito e nele funda toda sua teoria da economia camponesa. O segundo é Sahlins, antropólogo que, partindo de Chayanov, fundamenta no mesmo conceito sua teoria do parentesco. Mas, como será visto, se o ponto de partida é o mesmo, os de chegada são bem distintos um do outro.

### Chayanov e o campesinato.

Começo com Chayanov - mesmo porque foi com ele que começou a história do conceito aqui examinado.

Chayanov parte de um princípio metodológico que representou, em seu tempo, uma inovação: para entender a lógica da produção familiar camponesa,

*"One must seize hold of its living organizational ideas, the machinery of its individual economic organism which is the subjective teleological unity of rational economic activity, i.e., running the farm. In brief, we will fully understand the basis and nature of the peasant farm only when in our constructs we turn it from an object of observation to a subject creating its own existence, and attempt to make clear to ourselves the internal considerations and causes by which it forms its organizational production plan and carries it into effect.*

.....  
*Of course, in speaking of the peasant farm we still do not need to conceive of its organizational plan in nature as a conscious structure, written out with all its tables and maps into a large in-folio volume. It is equally undoubted, however, that like Molière's Jourdain who had talked prose for 40 years without suspecting it, our peasant for hundreds of years has been carrying on his farm according to definite, objectively existing plans, without, perhaps, fully recognizing them subjectively" (Chayanov, 1966: 118, 119; grifos meus).*

Há, por certo, uma ambigüidade nessa postura, pois se ela considera o camponês como sujeito, mais que como objeto, esse sujeito é, até certo ponto, inconsciente. É como se, na passagem acima, estivessem presentes uma perspectiva "populista", central na formação intelectual de Chayanov, e outra, objetivista. Ou a necessidade simultânea de compreender uma especificidade cultural e de propor uma política econômica. Não obstante, é inegável a originalidade de sua teoria em face tanto dos modelos explicativos de uma ciência econômica "capitalista" quanto dos modelos marxistas - o que é tanto mais importante se considerarmos o lugar e o tempo em que Chayanov desenvolveu sua perspectiva. Como diz Thorner, editor do

texto clássico de Chayanov em língua inglesa,

*"Most of those who are today seeking to understand the economic behavior of the peasantry seem to be unaware that they are traversing much the same ground trod from the 1860's onward by several generations of Russian economists. The problems that are today plaguing economists in countries like Brazil, Mexico, Turkey, Nigeria, India and Indonesia bear striking similarities to those that were the order of the day in Russia from the emancipation of the serfs in 1861 down to the collectivization of agriculture at the end of the 1920's" (Thorner, 1966: XI).*

É inegável que durante o século XX, ou boa parte dele, não só economistas, mas também sociólogos e antropólogos, voltados para o entendimento da produção e da reprodução social camponesa, inclusive no Brasil, incorporaram em suas reflexões os princípios elaborados por Chayanov em seu esforço para desvendar a lógica da economia camponesa. No Brasil, é o caso, por exemplo, de Tavares dos Santos (1978) e Garcia Jr. (1989).

Com base numa série de levantamentos estatísticos realizados na Rússia desde 1870, Chayanov formulou sua teoria da especificidade da economia camponesa. Haveria como que um "modo de produção doméstico", distinto do escravismo, feudalismo e capitalismo.

Seu modelo partia do grupo doméstico individual, cujo objetivo básico seria garantir a satisfação de suas necessidades, e não a realização do lucro, razão pela qual o campesinato não deveria ser considerado como uma forma de capitalismo incipiente. O núcleo de sua teoria está no princípio subjetivo do equilíbrio entre necessidades de subsistência e a rejeição do trabalho manual além de determinado limite, isto é, de sua inutilidade, como mostra Kerblay (1975).

Os princípios da teoria marginalista, tal como aplicada à produção capitalista, não se aplicariam à unidade camponesa, pois nesta os rendimentos decrescentes do valor do trabalho marginal não inibiriam a produção, até que se chegasse ao equilíbrio entre tais necessidades e a penosidade do trabalho ("drudgery", na tradução em língua inglesa). Seu argumento, contudo, é também marginalista:

*"After a comparatively small expenditure essential to the organism and accompanied by a feeling of satisfaction, further expenditure of energy requires an effort of will. The greater the quantity of work carried out by a man in a definite time period, the greater and greater drudgery for the man are the last (marginal) units of labor expended. ... there comes a moment at a certain level of rising labor income when the drudgery of the marginal labor expenditure will equal the subjective evaluation of the marginal utility of the sum obtained by this labor.*

.....  
*As regards marginal utility, each succeeding ruble will be evaluated lower than the drudgery of winning it (Chayanov, 1966: 81, 83; grifos meus).*

Para Chayanov, duas questões eram básicas: a ausência de salários e o fato de que a unidade camponesa é ao mesmo tempo uma unidade de produção e uma unidade de consumo. Cerca de 90% das propriedades camponesas russas por ele examinadas não utilizavam trabalho assalariado, mas apenas a mão de obra familiar, o que o levou a afirmar que se seu modelo é típico, ele é fundado na realidade.

Na ausência de salários, as demais categorias da análise capitalista perderiam sentido.

Por outro lado, seria descabido imputar valores ao trabalho familiar não pago. Era preciso tomar o grupo doméstico como um todo e considerar o retorno do trabalho como sendo indivisível, e não fragmentado em salários. Isto é, na família camponesa, o retorno da atividade econômica é indiferenciável. Seria necessário, então, construir uma teoria econômica diferente - uma teoria da economia familiar - baseada no já referido equilíbrio consumidores/produtores; entre a satisfação das necessidades familiares e a penosidade ("irksomeness") do trabalho.

A família camponesa organiza sua produção por uma avaliação subjetiva baseada na longa experiência de trabalho agrícola da geração presente e das anteriores. A medida do trabalho familiar em condições dadas foi chamada por Chayanov de grau de auto exploração do trabalho. A família não intensifica o trabalho de seus membros para além do referido ponto de equilíbrio em que um possível aumento do produto é suplantado pela penosidade do trabalho extra. Em outras palavras, há uma avaliação específica da relação insumo/produto. O ponto de equilíbrio é afetado pelo tamanho da família e pela proporção de membros trabalhadores e não trabalhadores. A partir daí, tudo depende do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico.

*"The economic theory of modern capitalist society is a complicated system of economic categories inseparably connected with one another: price, capital, wages, interest, rent, which determine one another and are functionally interdependent. If one brick drops out of this system the whole building collapses.*

*In a natural economy human economic activity is dominated by the requirement of satisfying the needs of a single production unit, which is, at the same time a consumer unit; therefore budgeting here is to a high degree qualitative ... quantity here can be calculated only by considering the extent of each single need ... the question of comparative profitability of various expenditures cannot arise - for example, whether growing hemp or grass would be more profitable or advantageous for these plant products cannot be substituted for each other.*

*On the family farm, the family ... uses its labour power to cultivate the soil and receives, as the result of a year's work, a certain amount of goods ... A single glance at the inner structure of the labour unit is enough to realize that it is impossible ... to apply the capitalist profit calculation". (Chayanov, 1966(1-5); grifos meus).*

Chamo a atenção aqui para a assimilação feita por Chayanov entre economia camponesa e "economia natural", que se tornará importante para nossa análise mais adiante.

O grupo doméstico não irá impulsionar a "drudgery" além do ponto em que o aumento do peso fatigante do trabalho extra excede o possível aumento do produto. Como dizia Aristóteles, o camponês não trabalha, ele labuta, idéia retomada por Delbos (1982) para examinar a ética de trabalho camponesa na França. Mas a labuta, como mostrou Chayanov, tem limites.

A natureza familiar da produção camponesa levava ainda a outra especificidade. Chayanov demonstrou que em condições que levariam um empreendimento capitalista à falência, famílias camponesas eram capazes de trabalhar mais horas, vender a preços mais baixos sem obter um excedente líquido, e no entanto continuar produzindo ano após ano. Por outro lado, aquilo que numa economia capitalista pode ser isolado como remuneração do capital, na família camponesa é usado para consumo. Outra característica não capitalista da economia camponesa é dada pelo fato de que a família pode comprar mais terra por preços acima daqueles que seriam pagos por um empresário, além de, como visto acima, produzir mais quando o preço do produto cai no mercado. Como não existem capital nem salários ou renda da terra, mas auto exploração do trabalho, essa aparente irracionalidade se explicaria pelo esforço de chegar ao referido

equilíbrio.

Esse equilíbrio é afetado pela razão consumidores/produtores, variável ao longo do ciclo de desenvolvimento de cada grupo doméstico. A variável fundamental é a proporção de unidades de consumo, mais do que de produção.

*"... the peasant worker, stimulated to work by the demands of his family, develops greater energy as the pressure of these demands becomes stronger. The measure of self exploitation depends to the highest degree on how heavily the worker is burdened by the consumer demands of his family ... The volume of the family's activity depends entirely on the number of consumers and not at all on the number of workers" (Chayanov, 1966: 78; grifos meus).*

Como a relação entre a força de trabalho da família e suas demandas de consumo se transforma ao longo do tempo, Chayanov acompanha a "história natural" da família desde o casamento, ao longo da chegada dos filhos à idade produtiva, até o casamento da segunda geração. É por essa perspectiva dinâmica que Chayanov elabora o conceito de "diferenciação demográfica" - que não se confunde com diferenças de classe - trazendo uma nova perspectiva para o estudo da economia familiar.

Durante um certo período, a razão consumidores/produtores aumenta para, a partir de determinado momento, começar a diminuir. Quanto maior a razão consumidores/produtores tanto mais alta será a intensidade do trabalho dos produtores (eles também consumidores). Por outro lado, há uma relação entre o ciclo de desenvolvimento e o tamanho da área cultivada.

*"Since the working family's basic stimulus to economic activity is the necessity to satisfy the demands of its consumers ... we ought first of all to expect the family's volume of economic activity quantitatively to correspond more or less to these basic elements in family composition" (Chayanov, 1966: 60).*

Assim, a área cultivada pela família varia junto com a composição do grupo doméstico:

*"We see that a considerable part of the farms that sowed small areas gradually acquired a labour force as family age and size increased and by expanding their sown area passed into the higher groups thus also expanding the volume of their activity. Conversely, former large farms passed into lower groups corresponding to small families created after division. This shows that demographic processes of growth and family distribution by size also determine to a considerable extent the distribution of farms by size of sown area and livestock numbers" (Chayanov, 1966: 67).*

Por outro lado,

*"... family composition primarily defines the upper and lower limits of the volume of its economic activity. The labor force of the labor farm is entirely determined by the availability of able-bodied family members. That is why the highest possible limit for volume of activity depends on the amount of work this labor force can give with maximum utilization and intensity. In the*

*same way the lowest volume is determined by the sum of material benefits absolutely essential for the family's mere existence" (Chayanov, 1966: 53).*

Aquelas famílias que cultivavam áreas pequenas eram as famílias jovens com filhos pequenos; as que cultivavam áreas maiores eram aquelas famílias mais velhas nas quais crianças pequenas têm pouca importância quantitativa. O tamanho da área cultivada (e a diferenciação demográfica) depende, pois, do tamanho da família e do momento do ciclo de desenvolvimento, e não o inverso, como era comum imaginar. Há nesse processo um aparente paradoxo: o aumento do número de produtores pode trazer consigo uma ampliação da área cultivada mas, ao mesmo tempo, a intensidade do trabalho diminui com a queda da razão consumidores/produtores.

Outra especificidade derivada do caráter familiar da produção é dada pelo fato de que melhores condições de mercado ou melhor localização da propriedade familiar trazem consigo uma redução de dias de trabalho. Essa especificidade, também derivada do princípio de equilíbrio entre satisfação de demanda e penosidade do trabalho, isto é, derivada da chamada "lei de Chayanov", conduz a uma subutilização dos recursos produtivos da "family farm" - ponto que será central para a releitura feita por Sahlins do modelo chayanoviano, como será visto. A propósito da auto exploração da força de trabalho familiar Chayanov observa que

*"We see that of the total number of working days in the year, peasants spend a comparatively small proportion of their labor - in all, only 25 - 40 percent - on agriculture in the areas we have studied. Even if we add to this all work in crafts and trades, we still have to recognize that peasant labor is far from fully used and gives a use rate not exceeding 50 percent" (Chayanov, 1966: 74; grifos meus).*

Em parte isso se deve à sazonalidade da produção agrícola, mas ele privilegia os fatores inerentes à estrutura interna da família, particularmente a pressão da demanda dos consumidores sobre o produtores. Mas é preciso considerar também que a economia camponesa é produtora, sobretudo, de valores de uso, num padrão de circulação simples de mercadorias. Isto é, aquilo que é vendido no mercado é o que excede o consumo familiar (e é em larga medida transformado em outros bens de consumo, não produzidos na propriedade camponesa).

A mesma lógica leva os camponeses a empregar sua força de trabalho em outras atividades, "crafts and trades", ao lado da agricultura, dadas duas condições:

1) Essas atividades dependem da distribuição desigual do trabalho agrícola durante o ano, isto é, da sazonalidade. A propósito, é muito significativa a designação do tempo de vacância agrícola como "tiempo muerto" em países hispano americanos. Em certas épocas, o trabalho da família é liberado e, com pouca intensidade e pouca "drudgery" é vantajoso utilizá-lo para estabelecer o equilíbrio econômico pela via do trabalho em outras atividades.

O que podemos observar, e o que Chayanov não ressalta devidamente, é que este trabalho não agrícola se realiza a um custo de oportunidade baixo, já que não há uso alternativo para o trabalho familiar na própria "family farm".

2) Isto não se dá por falta de meios de produção, mas por uma situação de mercado mais favorável para tal trabalho, comparado com aquele da agricultura. Assim, as "forças plenas" (conceito elaborado por Tepicht (1973) que será mais adiante examinado) podem ser empregadas fora da unidade familiar. Não se trata tampouco de falta de terra, mas porque em certas situações, "crafts and trades" resultam num retorno mais alto por unidade de trabalho, obtendo-se o mesmo rendimento com menos "drudgery". Também nesse caso impera a "lei de Chayanov".

Portanto, a lógica da atividade econômica camponesa é distinta e mesmo oposta àquela da economia capitalista, o que se deve ao caráter familiar da unidade de produção - e é para firmar esse ponto que Chayanov desenvolve todo o seu longo argumento. Como já foi dito, a própria natureza da produção familiar torna aceitáveis baixos retornos por unidade de trabalho, o que lhe permite existir em condições que levariam o empreendimento capitalista à ruína.

Por outro lado, quando há perda de safra, a impossibilidade de chegar ao equilíbrio pelo trabalho agrícola faz com que o campesinato despeje no mercado de trabalho um alto volume de mão de obra. Cria-se um paradoxo, desde o ponto de vista capitalista: os períodos de altos preços de produtos agrícolas são também períodos de baixos salários.

Analogamente, existem ainda situações em que

*"... it is sometimes advantageous for the peasant farm to violate the optimal combination of production elements for its activity and to force its labor intensity far beyond the optimal limits. Inevitably losing on unit labor payment, it nevertheless considerably expands the gross income of its agricultural undertaking and reaches a basic equilibrium between the drudgery of labor and consumption ... at a level of well being lower than would occur given a farm optimal in size and proportions.*

.....  
*The peasant farm, restrained by its land area, forces up its labor intensity more than three times as against the optimal intensity for the capitalist farm ... Similar forcing up of intensity is quite unacceptable to the capitalist farm ..."* (Sahlins, 1978: 113; 115; grifos meus).

Paradoxalmente, em face de uma economia de mercado, pois na ausência dela o contraste com a produção capitalista não teria sentido, a "lei de Chayanov" é rompida e a família pode chegar à super exploração de sua força de trabalho (ou ao subconsumo). Teríamos, então, que aquela lei só tem vigência numa "economia natural"?

Se a produção camponesa é familiar, existem, como é sabido, várias formas de família no mundo camponês. Qual seria a concepção camponesa de família?

*"... there is no doubt that the concept of the family, particularly in peasant life, is far from always equated with the biological concept underlying it and is supplemented in content by a series of economic and household complications. In attempting to apportion the contents of this concept in the peasant's mind, Russian zemstvo statisticians, for example, when carrying out household censuses established that to the peasant the concept of the family includes a number of people constantly eating at one table or having eaten from one pot. According to the late S. Bleklov, peasants in France included in the concept of the family the group of persons locked up for the night behind one lock" (Chayanov, 1966: 54).*

Ele nota ainda que em muitos países eslavos vivem juntos vários casais de duas ou mais gerações, unidos numa única família patriarcal complexa. Por outro lado, nas regiões industrializadas, membros jovens da família saem do grupo doméstico para construir uma vida independente. Todavia, apesar das variações na forma da família "its basis remains the purely biological concept of the married couple, living together with their descendants and the aged representatives of the older generation" (Chayanov, 1966: 54; grifos meus).

É a "natureza biológica" da família que determina as leis de sua composição - e as leis da economia camponesa. A família, como seu viú, inclui unidades de consumo e unidades de

produção e para caracterizar o grupo doméstico é preciso comparar o número de consumidores com o de produtores, assim como o tamanho da família. Existem famílias jovens com crianças pequenas, famílias maduras onde parte dos filhos já trabalha, famílias onde coabitam vários casais aparentados, assim como famílias velhas, "decadentes", com um casal de idade avançada cujos filhos foram embora. Seus dados empíricos abrangem todas as fases do ciclo de desenvolvimento.

Mas, diz ele, para entender as leis da economia camponesa, devemos acompanhar o desenvolvimento familiar "teoricamente normal", e o quadro em que baseia sua análise é o de famílias nucleares (Tabela 1-4, na edição em língua inglesa de 1966). É com base nisso que ele propõe que "we should try to explain how the relationship of the family labor force to its consumer demands changes as the family develops" (Chayanov, 1966: 58). À medida que os filhos menores ingressam na idade produtiva, o peso dos consumidores sobre os trabalhadores da família diminui. A razão consumidor/produtor cai ao longo do tempo até se aproximar da unidade. Contudo, a tabela não inclui outra dimensão (que não escapou à sua observação): com a entrada de noras (o que supõe residência patrilocal) e seus filhos, a razão cresce novamente, e não apenas quando o casal original se torna velho demais para o trabalho. O tipo de família se transforma, pois, ao longo do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, podendo passar de nuclear para extensa patrilocal.

Em que medida pode o modelo de Chayanov ser estendido a outras formações camponesas? Ele afirma que sua teoria tem um alcance mais amplo que aquele do campesinato russo e com relação aos seus críticos, responde que:

*"Of course, our critics are free to understand the labor-consumer balance theory as a sweet little picture of the Russian peasantry in the likeness of the moral French peasants, satisfied with everything and living like the birds of the air. We ourselves do not have such a conception and are inclined to believe that no peasant would refuse either good roast beef, or a gramophone, or even a block of Shell Oil Company shares, if the chance occurred. Unfortunately, such chances do not present themselves in large numbers, and the peasant family wins every kopek by hard, intensive toil. And in these circumstances, they are obliged not only to do without shares and gramophone, but sometimes without the beef as well. It seems that if Rothschild were to flee to some agrarian country, given a social revolution in Europe, and be obliged to engage in peasant labor, he would obey the rules of conduct established by the Organization and Production School, for all his bourgeois acquisitive psychology"* (Chayanov, 1966: 48).

\* \* \*

Chayanov reconhece que seus constructos reduzem a vida a um esquema e que sua teoria abstrata tem como objeto uma propriedade camponesa de tipo mais puro do que aquelas que seriam encontradas na realidade. O modelo se aplica ao "tipo puro" que seria encontrado em situações de fronteira com baixa densidade demográfica, disponibilidade de terras e herança igualitária. Naturalmente, restaria saber porque um campesinato com unigenitura seria menos puro.

No entanto, o modelo de Chayanov serviu de base para várias formulações relativas à especificidade da economia camponesa. Também para Tepicht (1973), o caráter familiar da produção é a "vérité première" dessa economia. Mas, se Chayanov privilegiou a dicotomia consumidores/produtores, Tepicht a relativisa. O grupo doméstico conteria não apenas unidades



de consumo e unidades de produção, mas "forças plenas" (homens em idade produtiva) e "forças marginais" (mulheres, velhos e crianças). Estas últimas corresponderiam para Chayanov àqueles membros do grupo doméstico que consomem mais do que produzem, mas para Tepicht é justamente nelas que repousaria a especificidade camponesa.

São as "forças marginais" que, por serem intransferíveis e operando a um custo de oportunidade próximo a zero, tornam viável a produção leiteira na França e na Polônia, a preços mais baixos que aqueles exigidos numa empresa com mão de obra assalariada.

Mas isto depende também do ciclo evolutivo do grupo doméstico, pois supõe a existência de um certo número de adultos jovens, de velhos e de crianças. O pai e os filhos mais produtivos poderiam encontrar ocupação em outras atividades, inclusive fora da propriedade familiar; por isso, sua ocupação em atividades agrícolas depende de seu uso alternativo, isto é, trabalharão na unidade familiar com aqueles cultivos capazes de gerar um rendimento pelo menos igual ao que seria possível obter fora da unidade. No limite, só as "forças marginais" permaneceriam operativas no interior da propriedade.

Chayanov, como vimos, havia observado que membros do grupo doméstico podiam se ocupar com "crafts and trades", mas reduz essa situação à sazonalidade da atividade agrícola. O que Tepicht demonstra é bem distinto, e modifica o panorama da "diferenciação demográfica": os supostos consumidores podem estar colaborando para reduzir a penosidade do trabalho, ao invés de aumentá-la. Para usar um paradoxo de linguagem, os marginais são centrais à reprodução social camponesa.

O estudo de Tavares dos Santos (1978) no sul do Brasil retoma certas dimensões do modelo de Chayanov, embora o quadro traçado pelo autor seja estático, enquanto o de Chayanov é sempre dinâmico. Mas os dados mostram que a variação da razão consumidor/produtor permite supor diferenças na intensidade do trabalho dos membros produtores. Outras questões, ainda, são postas, como a existência de trabalho acessório, na forma de assalariamento. Ele ocorre

*"... quando o número de membros da família é suficiente para a realização das tarefas da unidade produtiva, liberando um de seus membros para trabalhar 'fora'. Em contrapartida, quando a família se contrai, por migrarem os irmãos ou filhos, o camponês pode não mais dar conta das atividades acessórias ..."* (Tavares dos Santos, 1978: 38).

O assalariamento, portanto, está relacionado ao ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico e também ao rendimento negativo da principal atividade agrícola, o cultivo da uva. As próprias unidades camponesas também contratam trabalhadores assalariados, o que igualmente decorre do ciclo vital da família camponesa, dando-se "quando as pessoas em idade de trabalhar não são suficientes para desempenhar as tarefas com a rapidez necessária" (Tavares dos Santos, 1978: 41). Ocorreria, então, em momentos onde a razão consumidores/produtores implicaria em maior "drudgery", para usar a expressão de Chayanov.

Não obstante a insistência de Chayanov quanto à realidade dos grupos domésticos estudados, seu modelo focaliza o grupo doméstico em isolamento. Mas, grupos domésticos em isolamento só existiriam num modelo abstrato ("simulado") ou numa espécie de "estado de natureza", como veremos mais adiante, ao considerar as especulações de Sahlins. A família camponesa é parte de redes de parentesco e/ou de relações de vizinhança, em todos os lugares onde foi estudado, seja no Brasil ou nas aldeias camponesas européias (Galeski, 1975; Mendras, 1976; Moura, 1978; Bourdieu, 1983; Delbos & Jorion, 1984; Woortmann, 1995; Wall, 1998).

Por outro lado, Chayanov distingue uma diferenciação demográfica de uma

diferenciação em classes sociais. Nossos dados de campo, resultantes de uma pesquisa realizada nos anos cinquenta do século passado mostram, todavia, que a primeira pode conduzir à segunda. Trata-se de uma situação de fronteira - justamente aquela à qual melhor se ajustaria o modelo chayanoviano - na Amazônia brasileira (Woortmann, 1967), caracterizada por ampla disponibilidade de terra. Um jovem casal podia instalar-se em terras próximas de livre acesso.

Caracteristicamente, o momento inicial do ciclo de desenvolvimento era o de casal jovem, logo seguido de filhos pequenos. A área cultivada podia crescer à medida que os filhos se tornavam produtivos, chegando a uma extensão relativamente grande. Mas, minhas observações mostraram que vários daqueles camponeses se tornaram comerciantes, numa nova situação de classe. Mais importante, essa mudança coincidia com a existência de uma força de trabalho familiar suficiente para a produção de um excedente capaz de fornecer o capital inicial para a instalação do negócio.

Por outro lado, aqueles camponeses, não tão tipicamente chayanovianos, viviam em comunidades compostas por famílias aparentadas entre si. Como em outras partes do Brasil, as relações de parentesco (e de compadrio) traziam consigo formas de ajuda mútua nas etapas mais "pesadas" do processo produtivo, o que reduzia a intensidade de trabalho dos membros de cada grupo doméstico. A família que recebia a ajuda num momento, prestava ajuda em outro momento, seguindo um padrão de reciprocidade. A área cultivada por cada grupo doméstico podia, então, ser maior do que seria se contasse apenas com sua própria mão de obra.

Ademais, a composição do grupo doméstico não tem apenas uma dimensão quantitativa, mas também qualitativa, que depende de padrões de hierarquia e divisão de trabalho definidos pela ideologia de gênero. Assim, não se tratava apenas da quantidade de filhos em diferentes idades, mas também do número de filhos e de filhas. É possível pensar algo como uma composição ótima do grupo doméstico relativa ao sexo de seus membros. De fato, uma família podia ter muitas filhas e poucos filhos, ou vice-versa. No limite, poderia ter apenas filhas, ou apenas filhos. Mas o grupo doméstico precisava tanto de uns como de outros, dada a divisão de trabalho por sexo.

Cada grupo doméstico vivia, não em isolamento, mas no interior de parentelas, onde filhos podiam ser trocados, numa outra dimensão de reciprocidade. Uma família com um "excesso" de filhas cedia uma ou mais a outra família, com um "excesso" de filhos que, por sua vez, cedia um ou mais filhos à primeira. Essa troca era possível dado o padrão de "compadrio recíproco" comum naquela região. O pai de uma família era padrinho de um ou mais filhos de outra família, cujo pai, por sua vez, era padrinho de um ou mais filhos da primeira. Sendo o padrinho também um "pai", a troca, geralmente entre compadres que eram irmãos ou primos entre si, não feria qualquer valor relativo à instituição familiar. Era possível, assim, "corrigir" a composição de grupos domésticos a partir dos valores familiares. Em outras palavras, a cultura permitia corrigir "erros" da natureza.

Outra situação foi observada por Woortmann (1995) numa formação camponesa do Nordeste brasileiro, organizada segundo princípios de parentesco. Ali era bastante comum a ocorrência de casais sem filhos. Nesses casos, transferia-se para tais grupos domésticos a força de trabalho de um ou mais de seus afilhados, nascidos em outras famílias. Configurava-se então a situação em que tais afilhados trabalhavam no sítio do padrinho, mas dormiam na casa dos pais, criando um "complicador" para a definição de grupo doméstico: aqueles jovens pertenciam ao grupo doméstico em que dormiam ou àquele onde trabalhavam? Grupo doméstico é uma unidade residencial ou de trabalho? É o lugar onde se passa o dia ou onde se passa a noite, onde se é unidade de consumo ou de trabalho? Devo notar que, nesses casos, o afilhado se torna herdeiro do padrinho, perdendo seus direitos à herança paterna, já que tal direito é associado ao trabalho.

Na mesma região, quando um filho se casa, recebe do pai o chamado "chão de morada", isto é, o espaço que compreenderá sua casa e seu quintal, condição para que esse filho se torne ele mesmo um pai de família, num contexto cultural que privilegia a residência neolocal. Mas esse espaço fica dentro do "sítio" do pai do jovem marido, e coloca-se, outra vez, a questão de qual é o grupo doméstico: aquele que corresponde ao "chão de morada" ou o conjunto de famílias nucleares dos filhos que trabalham juntos no sítio paterno? Aquele que corresponde a "the group of persons locked up for the night behind one lock" ou aquele que corresponde ao **workteam** (Galeski (1975) mais amplo?

A herança é outro aspecto a ser considerado. Se muitos filhos representam força de trabalho, os filhos se tornam herdeiros e a partilha da propriedade pode ameaçar a reprodução social no plano intergeracional. Várias foram as soluções encontradas, desde a unigenitura e o celibato (Bourdieu, 1972) até o casamento entre primos cruzados (Woortmann, 1995) e a transferência da parcela que caberia a uma filha para seu irmão (Moura, 1978).

A aliança matrimonial é examinada por Bourdieu (1983) com relação à **maison** camponesa na França. Considerando as práticas sociais como um jogo, o autor mostra que, a cada geração, o **maître de maison**, isto é, o pai de família, precisa desenvolver um conjunto de estratégias de aliança para assegurar a reprodução da **maison**, pessoa moral mais que simples propriedade. O jogo a ser jogado implica não só a habilidade estratégica, a **maîtrise pratique** do pai - guardião do patrimônio - mas também a "mão de cartas" com que ele conta. A pior "mão de cartas" é aquela de uma **maison** onde só existem filhas (que retiram da casa, cada uma, um dote); a melhor é aquela onde existem um filho e uma filha, permitindo a troca ideal. Portanto, a composição do grupo doméstico tem vários outros significados, além daquele examinado por Chayanov.

Na **maison francesa**, na **stem family** irlandesa (Arensberg, 1959) e na **Stammhaus** dos colonos teuto brasileiros (Woortmann, 1995), as práticas matrimoniais são combinadas à unigenitura, à residência patrilocal, à expulsão dos não herdeiros e ao celibato de um ou mais filhos. Disto resulta um ciclo de desenvolvimento que não é "natural" mas social. Só o filho herdeiro permanece na casa após o casamento, junto com eventuais irmãos celibatários. Temos então que, num momento, o grupo doméstico é composto pelo casal ascendente, pelo herdeiro com sua esposa e por outros filhos solteiros. Ao longo do tempo o grupo é acrescido dos filhos do herdeiro, caracterizando uma família extensa de três gerações. A presença de celibatários da geração do herdeiro pode fazer com que a casa nunca venha a tomar a forma de uma família nuclear.

O casamento dos filhos tende a seguir um escalonamento por ordem de idade. Assim, o ciclo de desenvolvimento envolve também a seqüência de casamentos, mas as implicações são distintas, a depender do padrão de herança. Nos casos de ultimogenitura, os não herdeiros casados podem permanecer no grupo doméstico até o casamento do herdeiro. Se, contudo, ele se casa antes de seus irmãos mais velhos, estes precisam sair do grupo doméstico a menos que permaneçam solteiros. É uma situação bem descrita na novela *O Quatrilho*.

Assim, redes de parentesco e compadrio, formas de reciprocidade, padrões de herança, casamento e residência afetam a composição e o ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico.

As situações acima referidas levam a outra consideração. Chayanov toma como ponto de partida um grupo doméstico composto por uma família nuclear. Mas trata-se de um ponto de partida lógico, necessário à construção de seu argumento, mais que cronológico ou histórico. No caso de uma **maison** ou de uma **Stammhaus** com mais de um século de existência é difícil estabelecer um momento inicial; qualquer corte arbitrário no tempo poderia revelar uma família extensa ou uma família nuclear. O próprio Chayanov reconhecia que seu modelo se ajustava mal

às situações de herança indivisa. Ele se ajusta melhor a condições de fronteira, como acima observado na Amazônia, onde o filho casado tendia a se estabelecer em terras livres, mas não com um grupo doméstico isolado.

Para os colonos teuto brasileiros, que também desenvolveram a unigenitura, havia no século XIX uma ampla disponibilidade de terras nas chamadas "colônias novas", e filhos não herdeiros podiam nelas se instalar (Woortmann, 1995). O novo grupo doméstico iniciava seu ciclo, "chayanovianamente", na forma de família nuclear, até o casamento de seu próprio primeiro herdeiro. Daí em diante, repetia-se o padrão da "casa mãe", visto que o novo grupo doméstico também se tornava uma **Stammhaus**.

Chayanov observou que o grupo doméstico pode sofrer "acidentes", como no caso da morte de um dos pais, enquanto os filhos são ainda crianças. Novamente, as relações de parentesco interferem. Nos casos examinados em Woortmann & Woortmann (1997), viúvas não devem se recasar. O pai falecido é substituído pelo irmão da mãe; é ele, agora, que "governa" o processo de trabalho. Assim, o sítio da viúva é como que justaposto ao de seu irmão, formando uma unidade ampliada. No entanto, o "governo" do consumo pela família permanece com a viúva, o que novamente, se não invalida a perspectiva chayanoviana, impõe qualificativos à idéia de que a unidade de produção é também aquela de consumo.

### **Sahlins e os primitivos.**

Para desenvolver sua percepção do parentesco, Sahlins (1978) toma a "lei de Chayanov" como ponto de partida. Sua discussão do "modo de produção doméstico" (MPD) inicia com um aparente paradoxo: as sociedades de afluência são "subprodutivas".

*"The primitive economies are underproductive. The main run of them, agricultural as well as preagricultural, seem not to realize their own economic capacities. Labor power is underused, technological means are not fully engaged, natural resources are left untapped.*

*This is not the simple point that the output of primitive societies is low: it is the complex problem that production is low relative to existing possibilities. So understood, 'underproduction' is not necessarily inconsistent with a pristine 'affluence'. All the people's material wants might still be easily satisfied even though the economy is running below capacity: given the modest ideas of 'satisfaction' locally prevailing, labor and resources need not be exploited to the full.*

.....  
*I raise the possibility that underproduction is in the nature of the economies at issue; that is, economies organized by domestic groups and kinship relations" (Sahlins, 1978: 41; grifos meus).*

Tomando como base empírica uma série de estudos realizados por Allan (1949), Conklin (1959), Carneiro (1960) e outros, Sahlins conclui que, nos grupos estudados, a população existente é notavelmente inferior ao máximo calculável. Assim, uma aldeia kuikuru com 145 pessoas corresponde a apenas 7% do máximo possível. Citando Spencer (1966), Sahlins afirma que a organização social ao invés de impulsionar a produção, impede o desenvolvimento dos meios produtivos - talvez uma forma neoevolucionista de afirmar a contradição entre relações de produção e forças produtivas. Para Turner (1957), com relação aos ndembu, trata-se da contradição entre regras de residência e descendência, conduzindo à fissão e dispersão populacional.

Por outro lado, mas correlatamente, haveria também uma subutilização da força de trabalho. Os lele, estudados por Mary Douglas, pouco utilizam o trabalho de homens adultos jovens. Entre os !kung "hunting and gathering do not demand ... that famous 'maximum effort of a maximum number of people'. They manage quite well without the full cooperation of younger men ..." (Lee, 1968: 36; apud Sahlins, 1978: 53).

Há, nas situações analisadas por Sahlins, um forte contraste com os camponeses de Chayanov:

*"... economic obligations can be totally unbalanced in relation to physical capacity, the younger and stronger adults largely disengaged from production, leaving the burden of society's work to the older and weaker (Sahlins, 1978: 54; grifos meus).*

Há como que uma inversão, comparativamente ao quadro retratado para o campesinato russo: é sobre os mais velhos que recai o peso do trabalho; eles são, então, mais produtores que consumidores. Há, por outro lado, um forte desequilíbrio, pelo menos em alguns grupos, segundo o sexo, com pouca participação feminina no trabalho, o que faz com que "half the available labor power may be providing a disproportionate small fraction of the society's output" (Idem: 54).

Há, então, um problema relativo à composição da força de trabalho, composição essa de natureza cultural e não simplesmente uma "especificação natural". Existem razões para isso, mas permanece o problema da ausência planejada de importantes energias sociais do processo econômico, ao lado de outro problema: quanto realmente trabalham os outros, os produtores efetivos?

Pelas próprias normas da sociedade, grande parte da força de trabalho permanece não empregada e a jornada de trabalho é relativamente curta: "... they make only fractional demands on the available labor-power" (Idem: 58). E isso faz sentido nos contextos culturais examinados:

*"... work schedules such as these, with their generous reservations of time to fete and repose, should not be interpreted from the anxious vantage of European compulsions. The periodic deflection from 'work' to 'ritual' by peoples such as the Tikopians or Fijians, must be made without prejudice, for their linguistic categories know no such distinction, but conceive both activities sufficiently serious as to merit a common term (so the 'Work of the Gods'). And what are we to construe of those Australian Aborigines ... who do not discriminate between 'work' and 'play'?" (Idem: 64).*

Seria equivocado, então, supor que a produção é interrompida por obrigações de caráter "não econômico".

*"These other claims - of ceremony, diversion, sociability and repose - are only the complement or, if you will, the superstructural counterpart of a dynamic proper to the economy. They are not simply imposed upon the economy from without, for there is within, in the way production is organized, an intrinsic discontinuity. The economy has its own cutoff principal: it is an economy of concrete and limited objectives" (Sahlins, 1978: 65).*

A questão se relaciona a um dado fundamental: existe um excesso de força de trabalho. Trata-se de uma economia de produção de valores de uso, e não de troca como nas economias de

mercado. O próprio modo de produção - em face de demandas modestas - não realiza o excedente econômico que poderia realizar se os fatores de produção fossem plenamente utilizados. Há como que uma "capacidade ociosa" nesse modo de produção. "In primitive communities an important fraction of existing labor resources may be rendered excessive by the mode of production" (Sahlins, 1978: 69).

Sua análise se centra no grupo doméstico, embora, como veremos mais adiante, ele amplie o quadro de referência.

*"In brief, to explain the observed disposition toward underproduction in the primitive economies, I would reconstruct the 'independent domestic economy' ...*

*For the domestic groups of primitive society have not yet suffered demotion to a mere consumption status, their labor power ... employed in an external realm, made subject to an alien organization and purpose ... the 'economic' [is] a modality of the intimate ... Production is geared to the family's customary requirements. Production is for the benefit of the producers" (Sahlins, 1978: 76-77; grifos meus).*

A semelhança com o modelo de Chayanov é evidente.

Trata-se de uma espécie de tipo ideal. Se existe cooperação entre dois ou mais grupos domésticos, ou se algumas atividades são realizadas coletivamente por linhagens ou outros grupos, isso não altera o modo de produção no seu essencial: "... the collective organization of work merely disguises by its massiveness its essential social simplicity" (Idem: 78).

Tal como Chayanov, ele imagina um momento inicial caracterizado pela família nuclear, ou melhor, um casal, um homem e uma mulher adultos. A família conteria dentro de si mesma a divisão de trabalho - entre os sexos - dominante na sociedade como um todo. Após discutir a relação entre trabalhador e instrumentos de trabalho, seguindo uma clara inspiração marxista, como na oposição entre cooperação simples e cooperação complexa, e como na inexistência de uma alienação do trabalhador com relação aos meios de produção, ele ressalta que uma intensificação do trabalho seria de natureza dialética, pois os princípios do MPD se opõem ao aumento da produção: "Of first importance is the contentment of the household economy with its own self-appointed objective: livelyhood. The DMP is intrinsically an anti-surplus system" (Sahlins, 1978: 82; grifos meus). Sahlins não ignora, evidentemente, que existe troca, mas a produção para troca é orientada para a subsistência, não para lucros. É uma economia de valores de uso, como no modelo marxista de circulação simples de mercadorias, embora, reconhece Sahlins, esse modelo é mais pertinente a camponeses que a primitivos. Mesmo assim,

*"... like peasants, primitive peoples remain constant in their pursuit of use values, related always to exchange with an interest in consumption ... in this respect the historical opposite of both is the bourgeois entrepreneur with an interest in exchange value" (Sahlins, 1978: 83; grifos no original).*

A subprodução característica do MPD é explicada pela "lei de Chayanov": quanto maior a capacidade relativa de trabalho do grupo doméstico, tanto menos seus membros trabalham. Dados os elementos do MPD - a pequena escala da força de trabalho; a simplicidade dos meios de produção, e os objetivos limitados da produção - resulta que "the norm of domestic livelyhood tends to be inert. The standard of livelyhood does not ... increase without putting into question the existing family organization" (Sahlins, 1978: 87).

Entra em jogo aqui, também, a "diferenciação demográfica". Os vários grupos domésticos, em diferentes estágios do ciclo de desenvolvimento, diferem em seu produto per capita, já que existem distintas razões consumidores/produtores. A "diferenciação demográfica" engendraria certas contradições. As relações entre grupos domésticos oscilariam, teoricamente, entre "a anarquia da natureza e a solidariedade do parentesco". A sociedade se veria face a face com uma de duas situações intoleráveis, dependendo da proximidade relativa ao polo da anarquia ou da solidariedade: na ausência de relações (ou na presença de relações de hostilidade) o sucesso de alguns em contraste com o insucesso de outros poderia conduzir à violência; alternativamente, dado um sistema de parentesco, a distribuição da produção dos afortunados em benefício dos outros, geraria uma permanente discrepância. Resulta daí que

*"... the customary norm of welfare has to be fixed at a level attainable by the larger number of them, leaving underexploited the powers of the most efficient minority.*

.....  
*On pain of engaging internal and external contradictions, revolution and war, or at least continuous sedition, the customary economic targets of the DMP have to be held within certain limits, these inferior to the overall capacity of the society, and wasteful particularly of the labor power of more effective households" (Sahlins, 1978: 88; grifos meus).*

Sahlins inclui em sua análise, pois, fatores externos ao grupo doméstico, e nesse particular difere de Chayanov. Mas é dele a inspiração, pois Sahlins lembra que, para o economista russo, a razão de intensidade do trabalho é bastante menor do que seria se o trabalho fosse plenamente utilizado.

A "lei de Chayanov" dá suporte à conclusão de Sahlins: o padrão geral de subsistência adapta-se não à eficiência máxima, mas a um nível ao alcance da maioria dos grupos domésticos, com o conseqüente desperdício de potencial.

Se em sociedades tribais o grupo doméstico não é proprietário único dos recursos, são os seus membros, todavia, que determinam como a terra deve ser usada e o quanto se deve trabalhar. O grupo doméstico, pois, goza de considerável autarquia, sejam quais forem os fatores "superestruturais" a interferir - via de regra o parentesco com seus princípios de solidariedade e reciprocidade. Resulta que, num plano ideal,

*"...considered in its own terms, as a structure of production, the DMP is a species of anarchy ... it offers society only a constituted disorganization, a mechanical solidarity set across the grain of a segmentary decomposition ... Viewed politically, the DMP is a kind of natural state. Nothing within this infrastructure of production obliges the several household groups to enter into compact ... politically it underwrites the condition of primitive society - society without a Sovereign ... Divided thus into so many units of self-concern, functionally uncoordinated, production by the domestic mode has all the organization of the so many potatoes in a famous sack of potatoes" (Sahlins, 1978: 95; grifos meus).*

O "estado de natureza" ganha então o status anedótico da frase dedicada por Marx aos camponeses.

A anarquia inerente ao MPD é controlada, ou "domesticada" por organizações mais amplas que relacionam os grupos domésticos entre si num todo maior. Mas, como essas organizações não derivam da própria "infraestrutura", e como elas são a negação da anarquia

doméstica, esta última é banida apenas da superfície das coisas, mas nunca é definitivamente exilada. Ela continua presente, como

*"... a persistant disarray lurking in the background, so long as the household remains in charge of production. Here, then, I appeal the apparent facts to the permanent fact. 'In the background' is a discontinuity of power and interest, lending itself moreover to a dispersion of people. In the background is a state of nature" (Sahlins, 1978: 96; grifos meus).*

Em outras palavras, o modo de produção doméstico é característico de selvagens "hobbesianos".

Na realidade, não existem famílias autárquicas. Ou o MPD é dominado, ou a sociedade é destruída. Mas, deste princípio Sahlins deriva uma percepção dialética da sociedade primitiva, que se opõe a uma visão romântica. O processo total de produção é uma hierarquia de contradições: em sua base há uma contradição entre forças produtivas e relações de produção (e novamente temos um Sahlins marxista); o controle doméstico é um impedimento ao desenvolvimento dos meios produtivos. Essa contradição é contrabalançada por outra, entre superestrutura e infraestrutura, entre o MPD e a sociedade maior, quando o parentesco e a chefia surgem como forças políticas.

Assim, o princípio chayanoviano de que uma alta razão consumidores/produtores traz consigo uma intensificação do trabalho é modificado pelo fato de que o parentesco e a chefia conduzem a um desvio relativamente à curva de Chayanov - muito embora permaneça o fato da subutilização dos recursos. Os dados empíricos em que se baseia Sahlins correspondem à "lei de Chayanov" num plano geral. Suas análises levam a resultados bastante próximos aos correspondentes ao campesinato russo. Contudo, existem fortes desvios relativos à tendência geral: a curva de intensidade (Tabela 3.1 - página 108) é alterada porque alguns grupos domésticos bem providos de trabalhadores funcionam a um nível de intensidade excessiva (com relação a suas próprias necessidades de consumo). A discussão conduzida por Sahlins quanto à "lei de Chayanov" é extensa e complexa, e não cabe aqui resumi-la. Importa apenas que o desvio com relação a uma curva de Chayanov "pura" reflete o caráter da sociedade global; mais especificamente, reflete a estrutura de parentesco. Cada família é parte de um sistema maior e, se elas trabalham em níveis de intensidade acima de suas necessidades, isto se deve ao fato de que elas contribuem para o sistema maior com trabalho doméstico excedente, o que parece ser acentuado em sociedades com chefia do tipo "big man". Isto não significa que a "lei de Chayanov" seja inválida; significa que ela não é empiricamente visível. Como diz Sahlins, "it has to be picked up mathematically", o que é feito por variados cálculos que não serão aqui reproduzidos.

O parentesco é, então, uma superestrutura que contrabalança a tendência centrífuga do MPD, mas existem diferenças entre sistemas de parentesco. Assim, o parentesco havaiano é mais "economicamente intensivo" que o esquimó, o que Sahlins atribui ao fato do sistema havaiano ser mais extensamente "classificatório" (maior identificação de parentes colaterais com lineares) que o esquimó, que tende a isolar a família imediata. Contudo, se as instituições do parentesco e da chefia (reciprocidade e redistribuição) buscam superar as tendências centrípedas (o "egoísmo" de cada grupo doméstico) e centrífugas (dispersão dos grupos domésticos) do MPD, estabelecendo a paz (em oposição a um estado de guerra natural) o grupo doméstico nunca é inteiramente submetido à comunidade maior. Há uma permanente contradição entre economia e sociedade primitivas. Essa contradição é dissimulada por uma ideologia de reciprocidade e por



uma "harmony of organization that makes the lineage seem the household writ large and the chief father to his people" (Sahlins, 1978: 124).

Tal contradição só se manifesta claramente em situações de "crise révélatrice". Não deixa de ser surpreendente que um dos exemplos dessa contradição é dado justamente pelos maori - aqueles mesmos que foram tão centrais para a teoria da dádiva de Mauss! "It was a conflict between extended kinship and the homebred self-interest of the **whanau**, the household, 'the basic unit of the Maori economy'" (Sahlins, 1978: 126).

É importante notar que a "crise révélatrice" não transforma a sociedade; a crise coloca a nu o que a sociedade sempre foi, de forma disfarçada e inibida.

A "superestrutura" do parentesco ou da chefia, vista esta última como uma radicalização da função do parentesco, aparece, então, em Sahlins, como uma instância repressora do grupo doméstico. Por outro lado, a "polity" impulsiona a produção; o chefe "personifies a public economic principle in opposition to the private ends and petty selfconcerns of the household economy" (Idem: 130; grifos meus). O chefe, mostra Sahlins, institui uma economia pública maior que a soma de suas partes domésticas. A chefia, tanto como o parentesco, encarnam uma economia política, em contradição com a "economia natural" do MPD. Em outras palavras, este último é subordinado à reciprocidade e/ou redistribuição, constrangimento que se torna claro naquelas sociedades onde as normas do parentesco são dominantes. E sua qualificação da reciprocidade é bem diversa da percepção romântica de Mauss: "everywhere in the world the indigenous category for exploitation is 'reciprocity'" (Idem: 134).

Então, dado o estímulo criado pelo parentesco ou pela chefia,

*"the Chayanov slope begins to suffer a political deviation; against the rule, certain of the most effective groups are working the most ... intensification in production is coupled to reciprocity in exchange"* (Idem: 136; grifos meus).

Se os dados etnográficos compulsados indicam uma subutilização de recursos, a sociedade impõe, para alguns grupos domésticos, um nível de "drudgery" acima do previsto na "lei de Chayanov".

\* \* \*

Sahlins parte, pois, do modelo chayanoviano para desenvolver sua própria teoria. Tanto Chayanov como Sahlins contrapõem a produção doméstica à lógica do capitalismo embora, um tanto paradoxalmente, baseiem seus argumentos numa teoria marginalista.

Numa postura maussiana, Sahlins argumenta que nas sociedades organizadas pelo parentesco, o direito às coisas se subordina ao controle sobre as pessoas, enquanto que nas sociedades organizadas pelo mercado o controle sobre as pessoas se faz pelo direito às coisas. Em outras palavras, o direito das pessoas e o direito das coisas se relacionam de maneiras diametralmente opostas. É como se a economia primitiva fosse uma "economia moral", o que também foi observado com relação ao campesinato (Scott, 1976).

Mas, vale perguntar, qual o estatuto ontológico do MPD? E qual seu significado epistemológico?

Para Chayanov, como foi visto, os dados empíricos retratam a generalidade do campesinato russo - pelo menos, daquele que corresponde a uma situação de baixa pressão demográfica - embora o próprio Chayanov reconhecesse que seu modelo se aplicaria melhor a

um campesinato "puro". Em certo sentido, então, tratar-se-ia de uma situação ideal, retratada nas próprias tabelas e gráficos, onde só se considera a família nuclear (apesar de suas referências a outras formas de composição do grupo doméstico).

Contudo, a noção de modelos ideais parecia ser um tanto incômoda para Chayanov, mesmo porque seus estudos estavam voltados para a elaboração de políticas de modernização da economia camponesa.

No centro da discussão está a família, que tem ocupado um lugar proeminente no pensamento ocidental, como base da sociedade, como sua "origem" ou sua "célula mater". Com relação à economia camponesa, como vimos, ela é a "vérité première".

Mas, para Sahlins, se a família é o núcleo do MPD, este só existiria num "estado de natureza" e como um tipo ideal. O tipo ideal é um constructo

*"founded at once on pretended knowledge and pretended ignorance of the real diversity of the world - with the mysterious power to render intelligible any particular case ... Penetrating beyond kinship, ritual, chieftainship ... it claims to see in the household system the first principles of economic performance ... the argument will be discovered on occasion in a scandalous flirtation with the state of nature - not exactly the latest anthropological approach. Philosophers who have examined the foundations of society, Rousseau said, have all felt the need to return to the state of nature, but none of them ever got there"* (Sahlins, 1978: 75).

Contudo, o próprio Sahlins viaja para o "estado de natureza".

Chayanov investigara um campesinato envolvido em relações de mercado, ainda que de circulação simples. Não obstante, para Sahlins, uma economia camponesa "fragmentada", como seria aquela da Rússia, pode demonstrar as tendências profundas do MPD mais claramente que uma comunidade primitiva, onde tais tendências são camufladas pelas relações de parentesco e autoridade. Resta saber, é claro, se existem economias camponesas "fragmentadas".

Por outro lado, se em sociedades primitivas não existem grupos domésticos em isolamento, porque Sahlins toma como referência famílias camponesas "fragmentadas"? Provavelmente, para transferir a "lei de Chayanov" para o MPD em sociedades primitivas.

Entre os primitivos, a "petty anarchy" da produção doméstica seria controlada por forças sociais mais amplas. No entanto, aquela anarquia permanece "lurking in the background". Não obstante seu sarcasmo relativo aos filósofos, Sahlins reconhece que sua teoria é altamente abstrata e que "the deeper structure of the economy, the domestic mode of production, is like the state of nature ..." (Sahlins, 1978: 97).

O estado de natureza estaria, então, oculto nos níveis mais profundos da vida social, e o MPD precisa ser transcendido para que a sociedade possa existir.

*"The entire society is constructed on an obstinate economic base, therefore on a contradiction, because unless the domestic economy is forced beyond itself the entire society does not survive. Economically, primitive society is founded on an antisociety"* (Sahlins, 1978: 86).

Sahlins se inscreve numa longa tradição de pensamento, de Hobbes e Locke e até Lévi-Strauss: aquela tradição - a mesma que construiu o selvagem - que pensa a sociedade a partir da natureza. De fato, o MDP de Sahlins replica todo o imaginário ocidental sobre selvagens.

Temos, então, uma diferença básica com relação a Chayanov. Enquanto para este o caráter familiar da produção é o que faz a economia camponesa funcionar, para Sahlins o MPD

doméstico impediria a sociedade de funcionar.

Qual o contexto do texto de Sahlins? Os dois capítulos sobre o modo de produção doméstico são parte de um livro cujo título é *Stone Age Economics*. A julgar pelo título, um livro sobre economia. Mas, em contraste com Chayanov - *The Theory of Peasant Economy* - o livro não é sobre economia, mas sobre sociedade em oposição à economia e, mais especialmente, sobre reciprocidade, mesmo porque Sahlins nega a existência de uma "economia" em sociedades primitivas. Os próprios capítulos sobre o MPD resultam na construção teórica do parentesco, isto é, na sociedade fundada na reciprocidade.

*"... almost all the philosophers saw in [the state of nature] a specific distribution of population. Almost all sensed some centrifugal tendency. Hobbes sent back ethnographic report that the life of man was solitary, poor, nasty, brutish and short. Underline (for once) the 'solitary'. It was a life apart. And the same notion of original isolation appears ever and again, from Herodotus to K. Bücher, in the schemes of those who dared speculate on man in nature. Rousseau took several positions, the most pertinent to our purposes in the *Essai sur l'origine des langues*. In the earliest times the only society was the family, the only laws, of nature, and the only mediator between men, force - in other words, something like the domestic mode of production" (Sahlins, 1978: 96; grifos meus).*

A dispersão seria o padrão demográfico do estado de natureza e Sahlins indaga porque os filósofos colocavam o homem natural em isolamento. A resposta estaria no fato de que os filósofos definiam natureza em oposição a sociedade (como faz o próprio Sahlins ao opor o MPD à reciprocidade). A natureza era definida negativamente, tal como o selvagem, isto é, o homem despido de civilização, sempre caracterizado por aquilo que o civilizado não é, ou por aquilo que o selvagem, contrastado ao civilizado, não tem (lei, rei, propriedade, religião, etc.). "The residue could only be man in isolation - or perhaps man in the family, that concord of natural lust, as Hobbes called it ..." (Sahlins, 1978: 97; grifos meus).

Para melhor entender o significado do MPD e o argumento usado por Sahlins para opô-lo à sociedade, percebida esta última desde o ponto de vista da reciprocidade, é preciso ir até o capítulo que Sahlins dedica a Mauss. Seu argumento relativo ao MPD é análogo àquele que desenvolve para opor Mauss a Hobbes. A teoria de Mauss em seu *Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques* seria a teoria do contrato social primitivo - como o é também a própria teoria de Sahlins. Se, como ele mostra a partir de Chayanov, o MPD produz valores de uso, a partir de Mauss se pode ver que há neles também um "valor de troca", quando o MPD é subordinado à sociedade política, já que aqueles valores ingressam em circuitos de reciprocidade/redistribuição. Por outro lado, como mostram Malinowski (1950) e Mauss (1966), sociedades primitivas produzem bens cujo único valor está na troca, como no "círculo do Kula".

Para Sahlins, Mauss seria um discípulo de Rousseau: ao dar um bem, cada um dá a si mesmo e cada um se torna um membro de cada outro. Todos se submetem à "vontade geral". Mas seria próximo também de Hobbes, ao descrever um estado natural como distribuição generalizada da força, do qual se escapa pela razão. O estado de natureza não seria um estágio histórico, mas parte inerente da natureza humana; corresponderia ao direito de batalha. A natureza da guerra não está em qualquer luta específica, mas na inclinação para a luta, sempre que haja ausência das garantias asseguradas por um Poder Soberano ou, no caso das sociedades primitivas, pelo "espírito da dádiva", na expressão de Sahlins, em cujo texto a inclinação para a guerra seria manifestada nas já mencionadas "crises reveladoras", aliás, uma expressão

maussiana. Se o MPD não é propriamente uma guerra, com o livre recurso à força, é o direito à autarquia de cada grupo doméstico, ou de cada "man in the family, that concord of natural lust", acima referido.

O modo de produção doméstico se aproximaria do "estado de natureza" em Hobbes, embora Sahlins observe que

*"Of course, Hobbes did not seriously consider the state of nature as ever a general empirical fact, an authentic historical stage - although there are some people who 'live to this day in that brutish manner', as the savages of many places in America, ignorant of all government beyond the lustful concord of the small family" (Sahlins, 1978: 173; grifos meus).*

A frase de Sahlins parece contraditória; se, para Hobbes, o estado de natureza nunca existiu como "fato empírico", porque, então, a referência aos ameríndios com seus "brutish manners"? Os selvagens americanos que também exemplificavam o estado de natureza para Locke eram, à época de Hobbes, considerados muito "reais", por mais inventado que fosse o selvagem, e com muita frequência descritos por viajantes ou missionários como "brutish", seguindo uma tradição vinda da Antiguidade (noto, de passagem, que Hobbes, apesar de sua condenação da "small family" constrói a monarquia absoluta sobre o modelo da família patriarcal, em contraste com Locke em seu debate com Filmer).

São justamente esses "selvagens" que constituem os primitivos onde Sahlins localiza o MPD, embora ele não use o termo, tão depreciativo.

Mauss, ainda que de modo diferente de Hobbes, também esposaria uma concepção de "state of Warre" na sua definição de prestação total: as trocas aparentemente voluntárias são obrigatórias, sob pena de guerra aberta. Recusar-se a dar ou a receber equivale a uma declaração de guerra.

Se para Hobbes, o pacto é a vitória da razão, esta é também o sujeito da superação do estado de natureza em Mauss:

*"By the end of the essay, Mauss had left behind the mystic forests of Polynesia. The obscure forces of **hau** were forgotten for a different explanation of reciprocity, consequent on the more general theory, and the opposite of all mystery and particularity: Reason. The gift is Reason. It is the triumph of human rationality over the folly of war:*

*"It is by opposing reason to emotion, by setting up the will for peace against rash follies of this kind, that peoples succeeded in substituting alliance, gift and commerce for war, isolation and stagnation" (Sahlins, 1978: 175; grifos no original).*

Não é difícil perceber a semelhança da teoria de Sahlins com a de Mauss: o MPD é o isolamento e a estagnação (representada pela subprodução, inimiga do progresso).

Mas Sahlins é também hobbesiano e é interessante observar que para ele Hobbes antecipou uma "later ethnology" de caráter evolucionista, muito embora Hobbes fosse um contratualista, perspectiva a ser abandonada pelos evolucionistas. Para eles a selvageria, equivalente ao estado de natureza, seria não um "momento lógico" da argumentação, mas um suposto período histórico, um estágio prístino - ainda que também nunca visitado pelos teóricos do século XIX, como não o fora pelos filósofos do Iluminismo.

Para Hobbes, na releitura feita por Sahlins,

*"... lacking special institutions of integration and control, culture must remain primitive and uncomplicated - just as, in the biological realm, the organism had to remain relatively undifferentiated until the appearance of a central nervous system. In some degree, Hobbes even went beyond modern ethnology, which still only in an unconscious way, and without serious attempt to justify its decision, is content to see in the formation of the state the great evolutionary divide between "primitive" and "civilized" ... Hobbes at least gave a functional justification of the evolutionary distinction, and an indication that qualitative change would alter quantity" (Sahlins, 1978: 176; grifos meus).*

Temos aí, então, um argumento evolucionista e Hobbes teria mesmo ido além da "etnologia moderna".

Para Hobbes, a principal "lei da natureza" seria a busca da paz. Para Mauss, a reciprocidade também seria uma busca pela paz, que traria o progresso. Essa lei nada mais seria que a razão.

Mauss teria deslocado a alternativa entre guerra e troca para o centro da vida social: "This is the supreme importance of Mauss's return to nature... primitive society is at war with Warre, and ... all their dealings are treaties of peace" (Sahlins, 1978: 182). "For the war of every man against every man, Mauss substitutes the exchange of everything between everybody" (Idem: 168). E temos aqui outra conexão entre Sahlins e Mauss: "...in the perspective of Mauss, as it was for Hobbes, the understructure of society is war" (Idem: 171). Basta lembrar que para Sahlins a "understructure" é o MPD que vigora no "estado de natureza".

Mas, seria a troca o resultado da imposição da razão ainda no estado de natureza, caracterizado pelo isolamento, pela dispersão, pelo conflito? A troca se faz no plano de uma humanidade abstrata (subitamente acometida de um acesso de razão) ou no interior de uma comunidade de identidade? Se a troca se faz necessariamente com um Outro - e é até mesmo a construção desse Outro - aqueles que trocam, opostos muito embora, devem pertencer a um Nós construído pelo circuito de reciprocidade.

\* \* \*

Qual o significado do modo de produção doméstico para Chayanov e Sahlins?

Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que o modelo de Chayanov é uma criação original, por meio da qual se pode chegar à especificidade da economia camponesa, sempre que esta seja contrastada à lógica da produção capitalista. O mesmo contraste, é também ressaltado por Sahlins para a economia primitiva. Como são produtoras de valores de uso, o "historical opposite of both is the bourgeois entrepreneur with an interest in exchange value".

A "lei de Chayanov", para o próprio Chayanov, corresponde à realidade do campesinato, pelo menos na situação por ele analisada. Nesta situação, próxima à de fronteira, teríamos um campesinato mais "puro", ou mais "típico", onde o grupo doméstico corresponderia idealmente a uma família nuclear.

Chayanov não ignora, evidentemente, que existem outras formas de família mas, no plano do modelo, a família nuclear é a forma mais simples, que melhor permite chegar à formulação de uma lei abstrata. Na verdade, se um grupo doméstico é composto por mais de uma família - por exemplo, dois casais com seus respectivos filhos, como no caso de irmãos que trabalham uma mesma propriedade - ou por mais de duas gerações, isto não afetaria a lógica do modelo, pois este é de natureza quantitativa, embora possa afetar a situação empírica. Ao invés de

dois adultos (marido e mulher), haveria quatro adultos, mas haveria também um número maior de filhos. Hipoteticamente, dois adultos e, digamos, cinco crianças, seriam matematicamente equivalentes a quatro adultos e dez crianças, ou seja, os dois casais acima imaginados. A "curva de Chayanov" permaneceria a mesma, pois seria mantida a razão consumidores/produtores. A área cultivada poderia ser maior, mas isto não afetaria a essência do argumento chayanoviano. Vários casais aparentados seriam apenas tantas outras unidades de consumo e de produção. Duas famílias nucleares juntas na mesma propriedade seriam apenas um grupo doméstico maior. Vale lembrar que, como já disse, o momento inicial do ciclo evolutivo do grupo doméstico para Chayanov é lógico e não cronológico.

No plano das relações sociais concretas, contudo, as coisas não seriam iguais, pois haveria uma diferença qualitativa, inclusive no que diz respeito a relações hierárquicas.

A "lei de Chayanov" parte, então, da forma mais pura de "família natural" numa situação que se aproximaria de uma "economia natural", noção que parece fundamental para a teoria econômica desde Adam Smith.

Quanto à perspectiva de Sahlins, se ele parte de uma releitura de Chayanov, nela o modo de produção doméstico, também uma "economia natural", ganha um estatuto epistemológico bem distinto.

Um e outro partem de evidências empíricas incontestáveis, em ambos os casos revelando uma subutilização de recursos. Mas o significado atribuído a essas evidências não é o mesmo. Para Chayanov, o equilíbrio consumo/produção constitui a base da economia camponesa; para Sahlins, a "lei de Chayanov" e a partir dela, o MPD, significa a negação da sociedade. Se para Chayanov a família é o "herói" da história, para Sahlins ela é o "vilão hobbesiano".

Para o pragmático Chayanov, que desejava propor uma política econômica, o grupo doméstico deveria estar no centro de tal política. Para o teórico Sahlins, que propõe o parentesco como economia política e a sociedade como troca, o MPD deve ser superado.

A família no MPD corresponde, para Sahlins, à selvageria do "estado de natureza". Assim, se em Chayanov a produção familiar é a essência da economia camponesa, para Sahlins, se o MPD não é uma ficção, é uma realidade abstrata. A mim parece, contudo que, se há uma subprodução semelhante à "lei de Chayanov", o MPD característico de um estado de natureza é tão fictício - no sentido de ser ele mesmo um constructo da razão - quando as especulações dos filósofos sobre tal estado. Há, então, uma diferença entre produção doméstica (familiar) em Chayanov e modo de produção doméstico em Sahlins: a primeira é empiricamente real, como mostram os dados censitários, embora a "lei de Chayanov" seja uma construção matemática, enquanto o MPD é para Sahlins um recurso heurístico.

Por outro lado, para Chayanov o ciclo de desenvolvimento da "família biológica" é natural porque ele formula leis econômicas que são como as da natureza (ainda que se refira a avaliações subjetivas). Apesar da crítica à teoria "capitalista" ele parte da teoria marginalista, coerente com os postulados da economia neoclássica fundamentalmente ligada à concepção de um mercado autoregulado com suas leis próprias de funcionamento, "leis naturais" derivadas do mecanicismo newtoniano. Em Sahlins, porém, apesar de sua análise da subprodução ser também marginalista, as leis da natureza têm um sentido diferente: são aquelas que, embora pertinentes a um estado de natureza, nada mais expressam senão a razão que leva à superação daquele estado.

Em Sahlins estão presentes várias correntes teóricas. Assim, quando ele coloca a questão relativa à existência de "economia" em sociedades primitivas, ele se inscreve no debate entre formalistas e substantivistas que durante muito tempo informou as discussões no campo da antropologia econômica, e se coloca numa perspectiva semelhante à de Polanyi (1975): "to speak

of 'the economy' of a primitive society is an exercise in unreality" (Sahlins, 1978: 76). Paradoxalmente, porém, usa um argumento marginalista, pertinente ao argumento formalista que só faz sentido quando a economia é um "exercise in reality"; pelo menos, uma realidade suposta.

De outro lado, à época em que publicou o trabalho aqui examinado, ele era, como se sabe, influenciado pelo neoevolucionismo; no entanto, toda a sua análise é claramente contratualista. Assim, o sistema de parentesco constrói a paz pela via da troca: "they have no more common word for "peace" than "to live as kinsmen". Here is one of the several primitive versions of that contract lacking in the DMP" (Sahlins, 1978: 124; grifos meus).

Ele articula a discussão sobre o MPD com aquela sobre a "sociology of primitive exchange", outro capítulo de seu livro, onde a reciprocidade é relacionada à distância de parentesco, como na oposição entre parente distante e filho: "The first premise of 'kinship distance' is the DMP. Thus, all the discussion of Chapter 5 on the tactical play of reciprocity can be taken as a case in present point" (127). Naturalmente, toda a discussão sobre o MDP é também um recurso para fundamentar sua teoria da reciprocidade. Por outro lado, tal discussão ganha seu sentido pela via de outra discussão, aquela que compara Mauss a Hobbes.

Sahlins, mesmo que partindo de Mauss, percebe a reciprocidade (e a "polity" do parentesco) como dominação - aquela força política, nada mística, do "espírito da dádiva":

*"... the ideals of reciprocity and chiefly generosity serve as a mystification of the peoples dependence. Liberal, the chief only returns to the community what he has received from the community ... by organizing communal activities, the chief creates a collective good beyond the conception and capacity of the society's domestic groups taken separately. He institutes a public economy greater than the sum of its household parts" (Sahlins, 1978: 140).*

O contrato tem, pois, o significado de uma economia política sociologicamente oposta ao "estado de natureza" (selvageria).

Voltando a Hobbes, o que é para ele o "estado de natureza" na interpretação de Sahlins? Embora ele exista, ele precisa ser imaginado, pois as aparências o disfarçam. O procedimento para chegar a ele seria para Sahlins como os da psicanálise:

*"...by probing for a hidden substructure that in outward behaviour is disguised and transfigured into its opposite ... The real is here counterposed to the empirical, and we are forced to understand the appearance of things as the negation rather than the expression of their truer character" (Sahlins, 1978: 173).*

A realidade do "estado de natureza" seria, pois, a mesma do MPD, também uma "substructure" que só pode ser "matematicamente" apreendida. Este seria também o ponto de vista de Mauss, que

*"... posited his general theory of the gift on a certain nature of primitive society, nature not always evident - but that exactly because it is contradicted by the gift. It was, moreover, a society of the same nature: Warre. The primitive order is a contrived agreement to deny its inherent fragility, its division at base into groups of distinct interests and matched strength, clan groups 'like the savage people in many places of America', that can join only in conflict or else must withdraw to avoid it" (Sahlins, 1978: 173).*

Há aqui, naturalmente, um problema, pois se existem clãs nesse estado de natureza que Sahlins descobre em Mauss, então já existem estruturas de parentesco mais amplas que aquele grupo doméstico isolado que recusaria a troca.

Mas, continua Sahlins, se Mauss não teria partido de uma psicologia hobbesiana,

*"... his view of social nature was an anarchy of group poised against group with a will to contend by battle ... In the context of this argument, the **hau** is only a dependent proposition. That supposed adoption by the ethnologist of a native rationalization is itself, by the scheme of **The Gift**, the rationalization of a deeper necessity to reciprocate whose reason lies elsewhere: in the threat of war. The compulsion to reciprocate built into the **hau** responds to the repulsion of groups built into the society. The force of attraction in things thus dominates the attraction of force among men"* (Sahlins, 1978: 174).

A crítica que Sahlins faz de Mauss, neste capítulo, e sobretudo de seus equívocos "místicos" relativos ao **hau**, se explica: ela se destina a "hobbesaneizar" Mauss para melhor integrar sua própria análise do MPD na respeitável tradição maussiana, devidamente desviada das florestas místicas para a clareira da Razão. Para Sahlins, as leis da natureza de Hobbes estariam fundadas no mesmo princípio de reconciliação do qual a dádiva é apenas a expressão mais tangível, também fundada na reciprocidade. Assim, a estrutura do argumento de Hobbes é vista como igual à do de Mauss.

A troca é, então, o triunfo da Razão, e aqui se encaixa o argumento de Sahlins, que encontra sua legitimidade em Mauss: é o triunfo da Razão sobre o MDP.

Vale notar que para Hobbes, a sociedade política põe fim ao estado de natureza, mas não à natureza humana. É esta, mais que um MPD, que se manifesta quando das "crises reveladoras".

Voltando à pergunta sobre o significado epistemológico do MPD para o contratualismo de Sahlins e ao seu uso heurístico e retórico, há uma interessante analogia entre seu argumento e o de Lévi-Strauss. Este último, ao construir sua teoria da aliança, também elabora uma perspectiva contratualista da sociedade. Lévi-Strauss é, sabidamente, um herdeiro intelectual de Rousseau, invocado por Sahlins para dar conta do MPD como "estado de natureza". Sabidamente, também, Lévi-Strauss é herdeiro de Mauss.

Poder-se-ia dizer que o modo de produção doméstico está para Sahlins como o incesto está para Lévi-Strauss. Ambos são, cada um à sua maneira, a negação da troca e, portanto, da sociedade e os dois autores, também cada um à sua maneira, partem de um estado de natureza para construir teorias do parentesco (no caso de Sahlins, também da chefia, que seria uma especificação do parentesco: "from kinship to kingship"). Em ambas as teorias é preciso abrir mão de um valor: irmãs na teoria lévi-straussiana, e produção autônoma na teoria de Sahlins. A referência feita por Sahlins ao procedimento psicanalítico não é gratuita; é como se Lévi-Strauss, mesmo não comparecendo às claras no texto, estivesse como que "lurking in the backgroud". Como sabem os leitores de Lévi-Strauss, a psicanálise foi uma de suas fontes de inspiração, na busca de "estruturas profundas" ocultas pela aparência seja na organização social e no parentesco, seja nos relatos míticos. A realidade, também em Lévi-Strauss "existe" num plano só alcançado pela abstração, como constructo da razão. Vale sugerir um paralelo: a "lei de Chayanov" só se revela pelo recurso à matemática que permite ir além da aparência; as organizações duais, para Lévi-Strauss também são mera aparência que oculta uma estrutura real tripartite. Vale notar também a analogia do argumento de Sahlins com o de Marx a propósito da mais-valia, oculta



pela aparência do salário.

O objetivo de Sahlins é semelhante ao de Lévi-Strauss: chegar a uma explicação do parentesco. As duas teorias são distintas, mas há um ponto de partida comum - a natureza que precisa ser transcendida. Como é sabido, todo o edifício teórico das *Estruturas Elementares* parte da oposição entre natureza e cultura. O "estado de natureza" nunca existiu historicamente, seja na forma de um modo de produção, seja na forma de uma promiscuidade inicial, mas ambos são tropologicamente necessários para a construção argumentativa. Poder-se-ia dizer que o que existe é uma natureza humana sempre presente, manifestada seja nas "crises reveladoras", seja na ocorrência do incesto que precisa ser sempre reprimido. O MPD é algo maléfico, hobbesianamente "lurking in the background", como também está o malefício do incesto. Se ambos os autores falam da troca, talvez estejam também falando de uma condição humana.

Em resumo, então, a "lei de Chayanov" tem significados bem distintos, quando comparamos o autor da "lei" com a releitura feita por Sahlins. Chayanov se ocupa com o funcionamento de uma economia a partir da lógica da produção camponesa num contexto histórico. Sahlins busca explicar a origem lógica, mas não histórica, da sociedade. Se em Chayanov o modo de produção doméstico expressa uma razão camponesa, em Sahlins ele é a negação da razão.

## BIBLIOGRAFIA

ALLAN, William 1949 - **Studies in African Land Usage in Northern Rhodesia**. Rhodes-Livingstone Papers, n° 15.

ARENSBERG, C. M 1959 - **The Irish Countryman**. Peter Smith, Gloucester.

BOURDIEU, Pierre 1972 - Célibat et Condition Paysanne. **Études Rurales** 5/6: 32-136.

BOURDIEU, Pierre 1983 - **Le Sens Pratique**. Éditions de Minuit, Paris.

CARNEIRO, Robert L. 1960 - Slash and Burn Agriculture: a closer look at its implications for settlement patterns. In WALLACE, F. C. (ed.) **Men and Cultures**. University of Pennsylvania Press, Philadelphia.

CHAYANOV, Alexander V. 1966 - **The Theory of Peasant Economy**. The American Economic Association, Homewood-Illinois.

CONKLIN, Harold C. 1959 - Population-Land Balance under Systems of Tropical Forest Agriculture. **Proceedings of the Ninth Pacific Science Congress**: 7-63.

DELBOS, Geneviève 1982 - Leaving agriculture; remaining peasant. **Man**, Vol. 17, n° 4: 747-765.

DELBOS, Geneviève & Jorion, Paul 1984 - **La Transmission des Savoirs**. Maison des sciences de l'homme. Paris.

GALESKI, Boguslaw - 1975 - **Basic Concepts of Rural Sociology**. Manchester University Press, Manchester.

GARCIA Jr., Afrânio 1989 - **O Sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. Marco Zero / Editora UnB, São Paulo/Brasília.

KERBLAY, Basile 1975 - Chayanov and the theory of peasantry as a specific type of economy. In Shanin, Teodor - **Peasants and peasant societies**. Penguin, Middlesex (150-160).

LEE, Richard 1968 - What Hunters do for a Living, or, How to Make Out on Scarce Resources. In LEE, Richard & DE VORE, Irving (eds.) **Man the Hunter**. Aldine, Chicago.

MALINOWSKI, Bronislaw 1950 - **Argonauts of the Western Pacific**. Routledge & Kegan Paul, London.

MAUSS, Marcel 1966 - Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques. In **Sociologie et anthropologie**. Presses Universitaires de France, Paris.

MENDRAS, Henri 1976 - **Sociétés Paysannes**. Armand Colin, Paris.

MOURA, Maria Margarida 1978 - **Os Herdeiros da Terra**. HUCITEC, São Paulo.

POLANYI, Karl 1975 - L'économie en tant que procès institutionnalisé. In POLANYI, Karl & ARENSBERG, Conrad - **Les Systèmes Économiques**. Larousse, Paris.

SAHLINS, Marshall 1978 - **Stone Age Economics**. Tavistock Publications, London.

SCOTT, James C. 1976 - **The Moral Economy of the Peasant. Rebellion and Subsistence in Southeast Asia**. Yale University Press, New Haven/London.

SPENCER, Joseph E. 1966 - **Shifting Cultivation in Southeastern Asia**. University of California Press, Berkeley.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente 1978 - **Os Colonos do Vinho**. Hucitec, São Paulo.

THORNER, Daniel 1966 - Chayanov's Concept of Peasant Economy. In Chayanov, Alexander V. - **The Theory of Peasant Economy**. The American Economic Association, Homewood-Illinois: XI - XXIV.

TURNER, Victor 1957 - **Schism and Continuity in an African Society**. Manchester University Press, Manchester.

WALL, Karin 1998 - **Famílias no Campo. Passado e Presente em Duas Freguesias do Baixo Minho**. Publicações Dom Quixote, Lisboa

WOORTMANN, Ellen F. 1995 - **Parentes, Herdeiros e Compadres. Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste**. Hucitec/EdUnB, São Paulo/Brasília.

WOORTMANN, Klaas 1967 - Grupo Doméstico e Parentesco num Vale da Amazônia. **Revista do Museu Paulista, Nova Série**, Vol. XVII: 209 -377.

## SÉRIE ANTROPOLOGIA

### Últimos títulos publicados

284. MACHADO, Lia Zanotta. Perspectivas em Confronto: Relações de Gênero ou Patriarcado?. 2000.
285. CARVALHO, José Jorge de. A Religião como Sistema Simbólico. Uma Atualização Teórica. 2000.
286. MACHADO, Lia Zanotta. Sexo, Estupro e Purificação. 2000.
287. BOSKOVIC, Aleksandar. The “Intersubjective Turn” in Contemporary Anthropology. 2000.
288. BOSKOVIC, Aleksandar. O Mal-Estar na Globalização. 2000.
289. SEGATO, Rita Laura. The Factor of Gender in the Yoruba Transnational Religious World. 2001.
290. MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e Violências. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. 2001.
291. MACHADO, Lia Zanotta. Famílias e Individualismo: Tendências contemporâneas no Brasil. 2001.
292. WOORTMANN, Klaas. O Selvagem na Gesta Dei. História e Alteridade no Pensamento Medieval. 2001.
293. WOORTMANN, Klaas. O Modo de Produção Doméstico em Duas Perspectivas: Chayanov e Sahlins. 2001.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Antropologia pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia  
Instituto de Ciências Sociais  
Universidade de Brasília  
70910-900 – Brasília, DF

Fone: (061) 348-2368  
Fone/Fax: (061) 273-3264/307-3006